

## **APRESENTAÇÃO**

**Eduardo Peñuela Cañizal**

No percurso do desenvolvimento teórico da semiótica, principalmente da semiótica de tendência greimasiana, ganhou especial relevância o estudo do universo semântico, e a construção de modelos aplicáveis à análise das formas do conteúdo constitui, ao que me parece, o resultado mais evidente do desenvolvimento dos pressupostos gerados pela chamada estrutura elementar da significação. Curioso, no entanto, observar que, nessas andanças, o sujeito empenhado na elaboração do discurso científico, da metalinguagem coerente, foi deixando à poeira dos caminhos aquela instrumentação que, nos começos da glossemática, contribuiu de maneira decisiva para consolidar os moldes em que as substâncias expressivas — a verbal, em primeiro plano — acomodaram, de jeito sistemático, a relativização de suas formas. Importante era caminhar no rumo das formas do conteúdo, ampliar os percursos de sentido partindo das combinatórias lógicas das chamadas estruturas profundas e, com isso, estabelecer instâncias para que as dimensões de semiose pudessem hierarquizar-se em níveis onde a significação de certo modo se emaranha e, às vezes, simples coleóptero, fica presa à intensidade dos latejos de uma luz artificial qualquer.

Houve, sem dúvida, avanços extraordinários e a semiótica se adentrou no fascinante mundo da narratologia e da discursivização, retornando aos territórios do discurso científico — ou pretensamente científico — com o firme propósito de dilatar as fronteiras da pertinência e aperfeiçoar a capacidade operatória do instrumental utilizado. Mas, de modo geral, tais conquistas, inspiradas, creio, na idéia de que existe um sistema universal de sentido, exibem as marcas de uma

carência: ao ficar de lado o plano da expressão, isto é, o estudo rigoroso e sistemático das formas expressivas, a dimensão da semiose, embora esquematizada em sólidos modelos conteudísticos, surgia, com frequência, tortuosa e incompleta. Os percursos de sentido e as articulações a que ele é submetido nos diferentes níveis construídos pela metalinguagem vieram se alargando de modo formidável, tal como se constata, por exemplo, na distinção de três níveis — o fórico, e tímico e o patêmico — correspondentes, respectivamente, às estruturas profundas, às estruturas de superfície e às estruturas discursivas. Desse ponto de vista, a dimensão tímica da enunciação abriu para a semiótica áreas de estudo que não faz muito tempo eram consideradas impróprias ao cultivo de pressupostos em que uma teoria mais estreita depositava, com intransigência, suas crenças científicas.

Em virtude disso, o estudo do significante se tornou, nestes últimos anos, uma tarefa indispensável, já que é no plano da expressão onde a semiose encontra seu autêntico lugar de manifestação. Além disso, da organização material das formas significantes depende, amiúde, a produção de semas inexistentes nas formas conteudísticas fixadas pelo hábito e pelos dicionários. E é precisamente sobre esse ponto que os trabalhos integrantes deste número de *Significação* giram, ao que tudo indica. Se, de um lado, Jean-Marie Floch analisa traços expressivos da linguagem publicitária para colocá-los em relação de semiose, destacando, nesse processo, a importância do sincretismo e dos mecanismos do semi-simbólico, de outro, Ignácio Assis Silva, ao assinalar a transformação da função prática em função mítica, confere aos chamados semas contextuais a condição de domínio por excelência da atividade humana, se preocupa também com o semi-simbólico e com o sincretismo, tal como se comprova quando define o ator como instância semi-simbólica onde se sincretiza a disjunção mundo natural/língua natural. Outro tanto ocorre no trabalho de Waldir Bevidas, já que, apoiando-se na solidez teórica da função sígnica da glossemática, chega ao que ele chama função de sincretização e constrói um esquema indispensável para o estudo sistemático dos fenômenos semi-simbólicos, presentes, sem dúvida, nos textos da música popular a que remete o artigo de Luiz Tatit e nas surpresas do significante que Paulo Eduardo Lopes persegue em sua análise do ensaio *O Terceiro Sentido*, de Roland Barthes. Nessa direção caminha, também, o artigo de Diana Luz Pessoa de Barros, principalmente no que diz respeito ao segundo ponto da sua proposta, onde mostra a relevância da definição de relações de expressão e conteúdo para os sistemas semi-simbólicos.